

IAUARETÊ-MIRIM E O RIO



Do alto daquele jatobá, Iauaretê-mirim olhou e viu o rio de cima. Era verdadeiramente parecido com uma cobra enorme. Deve ser por isso que os Kamaiurá chamam de Cobra-Grande o espírito Mãe do rio.

Como era uma dessas manhãs de ouro e prata com que a Mãe do dia presenteia de vez em quando nossos olhos, e estava quente, Iauaretê foi à beira do rio beber água e começou a observar nas águas a sua imagem. Ficou olhando, olhando, olhando. Enquanto as águas corriam bem suavemente cantando uma canção ancestral, a imagem mudava de criança para menino e de menino para homem e de homem para velho e de velho para um tom dourado de prata, e assim ia circulando entre o silêncio e o som dos hábitos das manhãs, mudando, mudando, mudando.

- O que está acontecendo, Mãe Cobra-Grande? O que você quer me dizer?!
- Eu, nada. Somente canto.
- Mas quem é essa imagem?
- Que imagem?
- A que eu vejo em ti?
- Não sei, você é que vê.
- Mas como elas aparecem?
- Escute! Está ouvindo?
- Sim.
- Então, esse som é de Wahutedewá, o espírito do tempo. É ele que fabrica imagens. Mas dizem que ele é muito insatisfeito, muito perfeccionista, fica mudando a toda hora: mancha e desmancha, mancha e desmancha, mancha e desmancha.
- É isso mesmo que está acontecendo!
- Então é ele que está trabalhando. Eu só rio.
- Será que ele pode me ajudar a saber quem eu sou?
- Oras, você é Iauaretê-mirim, pronto. Assim como eu sou um rio que corre e canta.
- Sabe, é que às vezes sinto vontade de onça, às vezes penso como onça. Às vezes também fico matraqueando como um papagaio. Acho que é porque engoli um. Será que as coisas que a gente come fazem com que sejamos como elas?

- Bom, dizem alguns sábios que cada um é o que come.
- E a senhora, Mãe Cobra-Grande, o que pode me dizer?
- Eu digo que cada um também é o que sente. Já os pajés dizem que cada um é o que pensa que é.
- Mas, dona Cobra-Grande, depois que engoli o papagaio eu só sei perguntar, perguntar, perguntar. Falando nisso, onde eu posso encontrar Wahutedewá, o espírito do tempo?
- Eu não sei onde ele mora, mas ele acorda no nascente e dorme no poente. Às vezes, ele acorda de mau humor e talvez não queira muita conversa. Talvez não seja bom você se encontrar com ele.
- Por quê?
- Dizem que ele devora gente.
- Ah, ele é onça também?
- Não. Ele também devora árvore, planta, bicho. Tudo o que vê pela frente.
- Nossa!
- Sim. A melhor coisa é não se preocupar com ele e brincar a vida. Dizem que, quando a gente não liga pra ele e brinca a vida, ele não fica manchando e desmanchando, manchando e desmanchando. Ele esquece. Então, é quando a vida acontece no sempre e no agora.

Fonte: JECUPÉ. Kaká Werá. **As fabulosas fábulas de IAUARETÊ**. São Paulo: Peirópolis, 2007. p. 62-65.